

## Shopping Center: entre trabalho, lazer e consumo

Felipe Mateus de Almeida<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo apresentar uma discussão abordando algumas questões que vem sendo ou serão desenvolvidas em dissertação de mestrado produzida por mim no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás – PPGS/UFG. Tal dissertação pretende analisar a relação entre o trabalho, o lazer e o consumo dos trabalhadores do Flamboyant Shopping Center em Goiânia através de uma perspectiva sociológica e crítica. Para tanto, as contribuições de Karl Marx, Ricardo Antunes, Valquíria Padilha, e dos demais autores que se encontram presentes nesse escrito, nos ajudarão a construir um trabalho que será capaz de criticar o consumo e o lazer programado que é fruto das relações antagônicas do capitalismo.

**Palavras – chave:** trabalho; lazer; consumo; Shopping Center

### INTRODUÇÃO

A crescente racionalização e reestruturação do modo de produção capitalista ocorrida com o surgimento do regime de acumulação toyotista e o enfraquecimento do regime de acumulação fordista e sua rigidez no processo de produção de mercadorias e nas demais estruturas existentes no capitalismo, trouxeram mudanças significativas.

As lutas sociais promovidas pelo proletariado contra a exploração capitalista fizeram com que essa classe conquistasse alguns direitos. Um desses direitos foi a redução de jornada de trabalho e, conseqüentemente, o aumento do tempo livre ou tempo fora do ambiente de trabalho<sup>2</sup>. Porém, o que se percebe é que o trabalhador continua usando o seu tempo livre de trabalho para praticar o consumismo e continuar refém do capitalismo. É como se o tempo livre do trabalhador não fosse realmente livre, mas sim um tempo que o aprisiona e dita às regras e produtos que ele deve consumir através da propaganda propiciada pelos veículos de comunicação controlados pela burguesia. O *shopping center* é um exemplo claro da racionalização do capital, o que faz com que ele se torne um templo de consumo onde as

---

<sup>1</sup> Mestrando em sociologia pela Universidade Federal de Goiás – UFG. É membro do Núcleo de Estudos Sobre o Trabalho – NEST.

<sup>2</sup> Estamos dizendo aqui que houve uma redução da jornada de trabalho, porém, cabem algumas ressalvas. É visível no ambiente fabril essa diminuição na jornada de trabalho – um total de 40 horas semanais, como consta na CLT – mas, em outros ambientes, o que se percebe é uma intensificação e exploração do trabalhador através da política de ganhos por comissão, horas extras, metas atingidas etc. No shopping center esse fenômeno se torna visível quando se observa a rotina dos trabalhadores da praça de alimentação e das lojas de roupas e departamento.

relações sociais e as demais necessidades das pessoas se materializem (PADILHA, 2006, p. 127). O que se tem então é uma cultura de consumo na qual os próprios trabalhadores do SC<sup>3</sup> acabam se enquadrando. Essa cultura de consumo acaba por transformar os hábitos e as relações entre as pessoas, fazendo com que essas relações sejam permeadas pelas mercadorias (PADILHA apud. MARX, op.cit., p. 131). Além disso, o SC é um espaço onde a questão da flexibilização e da diminuição da jornada de trabalho não acontece, pois, seus trabalhadores têm jornadas que duram até dez horas por dia; isso faz com que o pouco tempo livre que os funcionários do shopping têm, acabe sendo gasto no próprio ambiente de trabalho, ou seja, o lazer deles é programado e objetivado a consumir os produtos do *shopping center*.

Nesse sentido, na dissertação pretende-se analisar a questão da apropriação do tempo livre dos trabalhadores do Flamboyant Shopping Center através da tríade trabalho – lazer – consumo.

## **TRABALHO, LAZER E CONSUMO**

O fordismo, o taylorismo e o toyotismo foram as três etapas do desenvolvimento capitalista que antecederam a revolução informacional de nossos tempos. Segundo Viana:

Taylor se preocupou com o tempo de trabalho e seu aproveitamento máximo. Surge assim a racionalização do processo de trabalho, e sua vigilância se torna mais profunda. O método elaborado por Taylor apresentava um controle do tempo de trabalho, que passa a ser cronometrado. Sem dúvida, o objetivo de Taylor é aumentar a produtividade do trabalho (o que é equivalente, na maioria dos casos, ao aumento de extração de mais-valor relativo) através de diversos artifícios, entre os quais o controle rígido do processo de trabalho, o uso do cronômetro, os prêmios por produtividade individual, o parcelamento das tarefas, a formação de especialistas em gerência, a divisão entre trabalho de elaboração e de execução etc. (VIANA., 2009, p. 65 e 66).

O taylorismo possuía como características um regime rígido que priorizava a vigilância profunda nos ambientes de trabalho; a racionalização dos trabalhadores e dos ambientes de trabalho; possuía um caráter burocrático devido a criação dos cargos de gerentes científicos e, além disso, tinha uma produção centralizada e baseada no sistema Just In Case (JIC). O taylorismo foi o primeiro regime que se preocupou com a questão da extração do mais-valor relativo<sup>4</sup> e com a aplicação do processo científico a produção através do saber-fazer dos operários e dos especialistas encarregados, ou seja, havia uma hierarquia e uma burocracia nesse regime de acumulação.

Acerca do fordismo, o sociólogo Ricardo Antunes nos traz uma definição interessante:

[...]entendemos o fordismo *fundamentalmente* como a forma pela qual a indústria e o processo de trabalho consolidaram-se ao longo deste século, cujos elementos constitutivos básicos eram dados pela produção em massa, através da linha de

---

<sup>3</sup> A sigla SC significa Shopping Center.

<sup>4</sup> Podemos entender o mais-valor relativo como a ampliação da produtividade física do trabalho por meio da mecanização.

montagem e de produtos mais homogêneos; através do controle dos tempos e movimentos pelo cronômetro taylorista e da produção em série fordista; pela existência do trabalho parcelar e pela fragmentação das funções; pela separação entre *elaboração* e *execução* no processo de trabalho; pela existência de unidades fabris concentradas e verticalizadas e pela constituição/consolidação do *operário-massa*, do trabalhador coletivo fabril, entre outras dimensões. Menos do que um modelo de organização societal, que abrangeria igualmente esferas ampliadas da sociedade, compreendemos o fordismo como o processo de trabalho que, junto com o taylorismo, predominou na grande indústria capitalista ao longo deste século (ANTUNES, 2011, p.24-25, grifos dele).

O fordismo deve ser entendido como um processo onde a produção era feita em massa, o tempo era cronometrado, existia divisão entre a elaboração e a execução, as fábricas eram centralizadas e verticalizadas e existia um perfil de trabalhador coletivo fabril.

Associadas a essas determinadas formas de produção que foram colocadas acima é preciso que se compreenda que elas se encontravam presentes em um determinado modelo de Estado e de políticas sociais:

A obra de Taylor e a “administração científica do trabalho” são a resposta do capital, já esboçada de forma não-sistemática antes do surgimento do taylorismo, a este recuo na extração de mais-valor absoluto. Assim se instituiu um novo regime de acumulação, complementado por uma nova forma estatal, o estado liberal-democrático. [...] o estado liberal-democrático significou uma concessão ao movimento operário, ao regularizar partidos, sindicatos etc., ampliar a legislação trabalhista [...] No entanto, o estado liberal-democrático, ao mesmo tempo em que realizou estas concessões, buscou integrá-las em sua lógica de reprodução, anulando o caráter potencialmente subversivo destas mudanças (VIANA, 2003, p. 85).

O taylorismo e o fordismo – que nascem em 1911 e 1914, respectivamente – vigoraram em uma época onde as políticas keynesianas e o Estado de Bem Estar Social ou Estado liberal-democrático aplicavam as condições necessárias para o funcionamento e a regulação do modo de produção capitalista. Por mais que fossem uma tática de manutenção e legitimação do capitalismo, os trabalhadores possuíam alguns direitos como uma jornada de trabalho estabelecida, o direito a educação, o auxílio desemprego e a garantia de uma renda mínima, ou seja, fordismo e taylorismo estiveram presentes como regimes de acumulação fundamentais no processo de produção do capitalismo em uma época onde o Estado ainda era responsável por regular a economia e determinar alguns direitos fundamentais a população através do conceito e da aplicação da cidadania. O sindicalismo estava em constante processo de luta com as empresas devido à rigidez imposta dentro do ambiente fabril e a organização dos trabalhadores era mais coletiva porque se encontravam em ambientes centralizados e não fragmentados.

Desde o final dos anos 60 até o começo da década de 70, várias tentativas com o objetivo de deixar o espaço fabril mais atraente foram feitas para que os operários se interessassem mais pelo trabalho nas fábricas. Tais tentativas tinham como meta evitar o absenteísmo e os demais descontentamentos dos trabalhadores com o regime e o modo de

regulação fordista do trabalho. Além disso, segundo Heloani (2003, p.105) “a cisão dogmática entre elaboração e execução, a fragmentação e consequente especialização exagerada (gerando insatisfação e alienação)”, fizeram com que se pensasse em uma mudança no modo de regulamentação e no regime de acumulação que vigorava no modo de produção capitalista.

Com a crise do pós-guerra instaurada no período entre 1960 e 1970 e o processo de reestruturação produtiva e de globalização e internacionalização da economia, as políticas sociais keynesianas e o Estado liberal-democrático entram em decadência e, como consequência desse processo, o taylorismo e o fordismo também sofrem sua crise e passam por um processo de mudança radical que dará origem a um novo regime de acumulação dentro do modo de produção capitalista:

[...] é necessário ter presente que os processos de globalização e reestruturação produtiva, os quais tiveram lugar a partir da crise do modelo de acumulação anterior, devem ser entendidos como um novo rearranjo social – que pôs fim ao pacto fordista dos trinta anos gloriosos do pós-guerra – e que representam muito mais do que uma acomodação do modelo de acumulação ao desenvolvimento tecnológico, ou uma adequação do mercado financeiro e produtivo ao caráter flexível das novas tecnologias. [...] é nesse sentido que se pode entender a crise das políticas keynesianas do Estado de Bem Estar Social, as mudanças no caráter do Estado e o advento das políticas neoliberais que [...] terão um profundo impacto sobre o trabalho; é também a partir desse quadro que se pode compreender as tendências de terceirização das empresas e de flexibilização do emprego e do trabalho, que mais do que uma adequação do mercado de trabalho ao caráter flexível das novas tecnologias, consistem em estratégias empresariais de acumulação e de fragmentação do trabalho organizado (LEITE, 2009, p.68).

É nesse contexto de crise do pós-guerra, de enfraquecimento das políticas sociais de cunho keynesiano e do Estado liberal-democrático que surge na década de 1980 o regime de acumulação toyotista. Segundo Heloani o toyotismo pode ser definido como:

[...]inovadora forma de produção, no lugar de gigantescas organizações verticalizadas, que produzem desde a matéria-prima até seus produtos finais, ocorre a descentralização do processo produtivo. Uma enorme rede constituída por pequenas empresas responsabiliza-se pelo fornecimento de peças e outros elementos para serem utilizados por núcleos centrais que dispõem da visão do conjunto e que geralmente possuem tecnologia avançada e grande poder de barganha com seus fornecedores (HELOANI, op.cit., p.119).

Nesse sentido, o toyotismo deve ser compreendido como um modo de regulamentação e organização da produção, das fábricas e do trabalho que possui como características a descentralização; a tecnologia avançada; o sistema Just In Time (JIT) e a flexibilização e integração das subjetividades dos trabalhadores, ou seja, ao contrário do taylorismo que tinha como base o sistema Just In Case (JIC)<sup>5</sup>, o toyotismo trabalha com o sistema Just In Time(JIT); é um modelo onde a produção não é mais produzida em massa mas é produzida através da demanda por produto.

---

<sup>5</sup> No sistema Just In Case a produção era em massa.

Porém, o que diferenciou de maneira mais visível o taylorismo do toyotismo foi a questão da flexibilização e da integração das subjetividades dos trabalhadores (Harvey, 2003; Heloani, 2003). Enquanto no taylorismo o modo de regulamentação do trabalho era mais rígido e fundamentado em ordens, hierarquia e burocracia, no toyotismo substituíram-se as ordens pelas regras, ou seja, foi disseminada uma ideologia que fazia o trabalhador pensar que era parte importante da empresa; que era um ser detentor de um poder de avaliar e concordar ou discordar das opiniões de seus superiores, de seus subordinados ou de seus companheiros de função. O trabalhador passou a acreditar em um discurso no qual a empresa era vista como uma matriarca que deveria sempre ser defendida e idolatrada ele ainda continuava a ser manipulado e vigiado, e além da parte racional (meios tecnológicos e informáticos), agora ele também era vítima de uma ideologia<sup>6</sup>.

É preciso que se compreenda que o toyotismo foi responsável por um processo de “flexibilização das jornadas de trabalho; flexibilização dos processos de trabalho com integração de diferentes parcelas do trabalho [...] e, sobretudo, flexibilização dos vínculos de emprego” (LEITE, op. cit., p.69). Tal flexibilização não é no sentido de facilitar a vida do trabalhador, mas sim no sentido de se criar novas políticas econômicas capazes de fomentar e apoiar os fenômenos da terceirização, da precarização e da perda dos direitos conquistados pelos trabalhadores graças ao novo modelo de estado e as novas políticas adotadas que são consequências do novo regime de acumulação.

No toyotismo, tem-se o surgimento do Estado neoliberal que entre suas características principais defende a intervenção mínima do estado na economia, a privatização, o predomínio do mercado e o corte dos gastos públicos. O Estado Neoliberal “[...] permite o desdobramento das novas relações internacionais e da re-estruturação produtiva, criando as condições legais, institucionais, políticas e estruturais para a sua realização” (VIANA, op.cit., p. 87). Associado a esse processo o sindicalismo perde a sua força graças ao processo de descentralização das empresas e as novas formas de subcontratação e subemprego associadas às políticas neoliberais de relaxamento e flexibilização do emprego e do desemprego. Para Viana,

Ao se falar de “acumulação flexível”, “especialização flexível”, “flexibilização dos trabalhadores” e “aparato produtivo, vê-se que a palavra é utilizada em sentidos diferentes e inexatos. (...) não existe “flexibilização” do aparato produtivo e muito menos dos trabalhadores, o que existe é uma “inflexibilidade”, pois tanto o aparato produtivo quanto os trabalhadores são submetidos “inexoravelmente” e

---

<sup>6</sup> O conceito de Ideologia que está sendo utilizado aqui é o mesmo conceito utilizado por Marx, ou seja, Ideologia como falsa consciência sistematizada.

“implacavelmente” ao objetivo de aumentar a extração de mais-valor relativo(VIANA,op.cit., p.69 e 70).

É possível se afirmar que - assim como é colocado por Viana -, essa ideia de acumulação flexível é bastante equivocada. É um termo que deve ser superado e, por isso, também utilizaremos o termo acumulação integral (VIANA, op.cit, p.70). Não existe flexibilização dos processos de trabalho e nem um relaxamento na disciplina fabril dos trabalhadores; o termo flexível é apenas mais uma tentativa da burguesia e de suas classes auxiliares de esconder o verdadeiro sentido do processo de superexploração sofrido pelo proletariado. O que se tem hoje é um processo muito maior e mais bem articulado de extração de mais-valor relativo dos trabalhadores, ou seja, um conjunto de discursos, ideias, equipamentos, materiais, leis e códigos que propiciam a burguesia uma grande facilidade para exercerem o processo de exploração dos trabalhadores. A acumulação integral invade todas as esferas da vida social do trabalhador, ela não ocorre só e apenas no ambiente fabril, ela está em suas casas, nos seus ambientes de lazer, nos seus programas de TV, nas suas rodas de conversa, em suas escolas e universidades e, para polemizar um pouco mais, até dentro das igrejas que ainda são um “braço invisível” do estado capitalista burguês. A acumulação integral engloba a esfera política, econômica e social do trabalhador, ela toma conta da cultura e se coloca a serviço dos interesses do capital.

Pensando pela lógica da acumulação integral e levando em consideração o processo de reestruturação produtiva e, conseqüentemente, as transformações no mundo do trabalho, dois campos de estudo estão sendo enquadrados nessa pesquisa: o lazer e o consumo. Os trabalhos escritos por PADILHA (2012; 2006); ANTUNES (2011); RESENDE (2009); ALVES (2006); SILVA (2004); DAL ROSSO (2008) e dos demais autores que serão utilizados no decorrer da escrita da dissertação, serão de grande valia para a realização dessa pesquisa e de seus objetivos, pois, seus estudos desenvolvidos na área do trabalho, do consumo e do lazer, possuem uma análise crítica sobre estes temas e trazem a tona a verdadeira face do capitalismo: a exploração e precarização do trabalho e o controle do tempo livre dos trabalhadores através do lazer programado. Além disso, seus estudos ainda nos ajudam a compreender os mecanismos que propiciam ao capitalismo a execução dessa tarefa.

Padilha (2012) argumenta que a concepção de lazer funcional desenvolvida por Dumazedier vê essa prática como algo que se opõe ao trabalho e que serve como prazer ou liberação, o que conseqüentemente faz com que o lazer tenha a função de trazer harmonia e equilíbrio à sociedade. A visão desse autor não se preocupa em questionar o porquê da

sociedade capitalista ter que desenvolver um tipo de lazer para devolver ao trabalhador a sua felicidade que lhe é tomada durante o seu tempo livre de trabalho:

Lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 1980, p.19).

Nesse sentido, essa concepção de lazer não parte de uma perspectiva histórica e nem dialética, ou seja, não compreende o lazer como uma categoria histórica e socialmente construída que vive em um complexo emaranhado de contradições. Portanto, essa visão não questiona e nem apresenta soluções ou caminhos para a superação do lazer programado e objetivado dos trabalhadores que faz com que suas relações sociais de todos os tipos (econômicas, políticas, culturais etc.) sejam fetichizadas e reificadas através do consumismo e da apropriação do seu tempo livre de trabalho.

Na dissertação, procurar-se-á superar essa concepção de lazer programado e trabalhar-se-á com uma concepção de lazer que seja capaz de responder aos seguintes questionamentos: Como a relação trabalho, lazer e consumo se expressa na apropriação do tempo livre do trabalhador do *shopping center*? Quais os mecanismos utilizados pelo SC para explorar a subjetividade de seus trabalhadores e acobertar o processo de precarização, exploração e lazer programado e objetivado dentro de seus domínios?

Para nos ajudar a chegar a esses esclarecimentos, é preciso que também se traga algumas considerações acerca do campo de estudos sobre o consumo. Em uma sociedade onde o modo de produção capitalista está em vigência, à mercadoria perde o seu valor de uso<sup>7</sup> e passa a ter valor de troca, ou seja, para que se produzam mercadorias é preciso que essa mercadoria seja transferida para alguém que queira utilizá-la. Para que isso seja possível, é necessário que se tenha uma divisão social do trabalho. Segundo Marx:

Numa sociedade cujos produtos assumem, genericamente, a forma de mercadoria, isto é, numa sociedade de produtores de mercadorias, desenvolve-se essa diferença qualitativa dos trabalhos úteis, executados independentemente uns dos outros, como negócios privados de produtores autônomos, num sistema complexo, numa divisão social do trabalho (MARX, 1983, p.50).

Nesse sentido, no capitalismo, as mercadorias passam a ter um valor ou uma forma de troca comum, que acaba com as diferenças existentes entre as variadas formas de valor de uso e valor de troca. Assim nasce o dinheiro:

---

<sup>7</sup> “A utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso” (MARX, op. cit., p.45). Em outras épocas onde o modo de produção vigente não era o sistema capitalista, as mercadorias eram produzidas apenas para a satisfação pessoal, ou seja, possuíam valor de uso e não valor de troca. No capitalismo, as mercadorias não perdem o seu valor de uso, porém, o que prevalece é o seu valor de troca.

Ao desaparecer o caráter útil dos produtos do trabalho, desaparece o caráter útil dos trabalhos neles representados, e desaparecem também, portanto, as diferentes formas concretas desses trabalhos, que deixam de diferenciar-se um do outro para reduzir-se em sua totalidade a igual trabalho humano, a trabalho humano abstrato (MARX, op. cit., p.47).

A partir dessa citação, podemos compreender a relação que existe entre a mercadoria e o trabalho alienado. Para Marx, o processo de alienação se reproduz de três formas. A primeira forma de reprodução da alienação ocorre em sua relação com os frutos de seu trabalho, ou seja, a mercadoria que é produzida pelo trabalhador não é mais reconhecida por ele; o trabalhador não sabe qual a finalidade daquela mercadoria e nem quem vai utilizá-la, a única coisa que ele sabe é que ele não poderá possuí-la devido ao seu alto custo. A segunda forma de reprodução da alienação ocorre no processo de produção de mercadorias. O trabalhador não se reconhece em seu trabalho; ele se torna infeliz e não se afirma no seu ambiente de trabalho. O trabalho se torna uma prisão para o trabalhador fazendo com que ele se sinta cansado e desmotivado. O trabalho deixa de ser uma atividade realizadora e transformadora do ser social e passa a ser uma atividade obrigatória, forçada, um sacrifício. A terceira forma de reprodução da alienação ocorre porque no modo de produção capitalista o trabalhador transforma o seu trabalho apenas em um meio de sua existência, ou seja, o trabalho não é mais uma atividade vital que transforma o ser genérico, mas apenas uma atividade que supre as necessidades vitais do trabalhador – comer, beber, comprar roupas etc.

## **O SHOPPING CENTER COMO REPRODUTOR DO LAZER E DO CONSUMO PROGRAMADO**

Valquíria Padilha traz uma discussão interessante sobre o SC e sua relação com o consumo e o lazer programado. Essa autora traz contribuições interessantes no que se refere aos aspectos históricos e sociológicos da construção, propagação e utilização dos SC como templos das mercadorias e ambientes controladores do lazer e do tempo livre de seus trabalhadores. Para ela a sociedade de consumo juntamente com os profissionais do marketing e da publicidade, são instrumentos manipuladores das necessidades. O shopping center tem papel fundamental no processo de entronização da mercadoria, da materialização das necessidades e na apropriação do tempo livre através do lazer programado e da manipulação da subjetividade dos trabalhadores e dos demais frequentadores de seus ambientes de consumo:

Os shopping centers são, então, símbolos de uma sociedade que valoriza o espetáculo do consumo de bens materiais e de lazer-mercadoria, de uma sociedade que oferece a uma pequena parcela da população o direito a esse consumo e a esse lazer, enquanto exclui a maioria dessa mesma população. Assim, esses centros



comerciais configuram-se como espaços de lazer alienado, influenciando de forma decisiva a construção da identidade social de cada um, tanto dos que frequentam esses espaços como também dos que não os frequentam, mas que, enfeitiçados pela publicidade e pela “cultura de consumo”, desejam frequentá-lo (PADILHA, op. cit., p.180).

O trabalho e o consumo são vistos por essa autora como relações sociais alienadas e permeadas pela lógica consumista. Além disso, ela traz discussões interessantes sobre o tempo livre do trabalhador, o lazer programado e a exploração da subjetividade dos trabalhadores e frequentadores dos SC:

o shopping center [...]adquire uma importância crucial para o desenvolvimento e manutenção da lógica do capital. Ele representa hoje o principal lugar da “sociedade de consumo” contribuindo para a sacralização do modo de vida consumista e estranhada, um modo de vida em que há, com a ajuda da publicidade, uma evidente predominância dos símbolos sobre a utilidade das mercadorias, do valor de troca sobre o valor de uso (PADILHA, 2006, p.155).

O SC se torna o principal símbolo de reprodução das relações sociais capitalistas. É um ambiente onde essas relações sociais tornam-se materializadas através das mercadorias. É um local onde a sociedade de consumo encontra-se em evidência e isso contribui para o aumento do processo de alienação, fetichismo reificação do modo vida e do cotidiano dos seus trabalhadores e frequentadores o que, conseqüentemente, interfere em suas relações fora do ambiente do shopping center. As afirmações de Padilha vão de encontro às conclusões de Anita Cristina Azevedo Resende, que faz um estudo detalhado sobre as categorias de trabalho, alienação, fetichismo e reificação associando esses processos à subjetividade dos indivíduos:

A alienação, afeta, assim, as mais diferentes esferas da vida humana: não só alheia a realidade humana produzida pelo homem, que se lhe apresenta como estranha, mas também o seu trabalho, que lhe aparece externo e hostil, além de suas capacidades mais essenciais, que se lhe apresentam concretamente como instrumento individual de luta pela existência. O homem perde a dimensão de sua essência e passa a representá-la falsamente para si. Devido à perda, isola-se cada vez mais do gênero, do que o constitui como ser universal, e passa a viver uma existência que, até pode ser aparentemente rica e livre, mas é vazia, pobre e desumana (RESENDE, 2009, p. 82).

E continua dizendo que:

Essa vida conquistada pela escravidão ao objeto passa a ser a verdadeira vida humana. Tudo o mais morre ou transforma-se em infrutíferas e perigosas ilusões. Tem origem, assim, uma contradição entre a vida real, considerada como irreal, e a vida ilusória, considerada real. À contradição de que o homem não é completamente consciente de suas ações e produtos, soma-se a de que ele não é consciente de sua própria consciência, tomando o irreal, o fantasmagórico, o místico, como a realidade mesma. O fetichismo reveste, desse modo, uma aparente superação, que, na realidade, significa o desdobramento da vida humana em uma vida alienada e ilusória (RESENDE, op. cit., p.111).

Resende compreende as categorias de alienação e de fetichismo como categorias que se relacionam entre si e que são fundamentais para a compreensão do processo de transformação e manipulação da subjetividade dos indivíduos. A alienação e o fetichismo degradam e destroem a vida humana fazendo com que os indivíduos percam a sua consciência

do real e sejam permeados pelo mundo da fantasia, pelo domínio das mercadorias, do dinheiro e da lógica do capital.

Segundo Valquíria Padilha:

Do ponto de vista psicológico, o consumo pode ser entendido como um simples querer de coisas cujos atrativos são inerentes à sua natureza (utilidade); como um querer de coisas cujos atrativos dependam das aquisições feitas pelos outros (inveja), ou como um querer de coisas cujos atrativos são o reflexo da imagem do “eu” (desejo). Em todos os casos, o consumo passa pela relação entre o querer e a possibilidade de possuir algo. Do ponto de vista econômico, o consumo é considerado uma etapa final do processo produtivo, ou seja, a produção é o ponto de partida, enquanto o consumo é a finalização desse processo aparentemente infundável (a produção só tem sentido porque haverá consumo e porque o consumo levará a mais produção). Assim, os mesmos homens que produzem são também os que consomem, dependendo, obviamente, das suas condições, uma vez que o consumo implica a relação econômica entre renda e preço [...] O consumo não pode, então, ser considerado um momento autônomo: ele encontra-se determinado seja pelo complexo processo constitutivo dos desejos humanos, seja pela lógica de produção, o que, nas sociedades capitalistas, significa dizer que se encontra determinado pela lógica do lucro (PADILHA, op. cit., p. 85).

Nesse sentido, o estudo da relação entre trabalho, lazer e consumo entre os trabalhadores do Flamboyant Shopping Center em Goiânia se torna importante porque o *shopping center* é o principal ambiente de trabalho onde é possível se perceber as contradições do modo de produção capitalista na contemporaneidade. O SC é o verdadeiro “templo do consumo” (PADILHA, op.cit. p.29) onde as relações sociais capitalistas se materializam.

Uma análise crítica desse ambiente é necessária para que se tenha um olhar sociológico sobre o SC e o seu relacionamento com seus trabalhadores. Através dessa análise é possível se perceber o processo de precarização do trabalho, a jornada extensiva, o desenvolvimento da competitividade e a apropriação da subjetividade de seus funcionários. Observar esse ambiente com cuidado e entrevistar aqueles que passam a maior parte de seu dia trabalhando e, conseqüentemente, consumindo os produtos oferecidos nas praças de alimentação e demais ambientes do shopping, faz-se necessário para que se possa perceber no discurso de quem vive o processo de trabalho e exploração do *shopping center* a relação entre o trabalho, o lazer e o consumo.

Além disso, as ideias apresentadas nesse estudo são importantes porque ajudam a esclarecer o sentido do lazer no modo de produção capitalista. O SC é um espaço onde a apropriação do tempo livre do trabalhador através do lazer programado é bastante perceptível. Por conta de suas jornadas extensivas de trabalho e o curto prazo de intervalo para almoço ou a longa distância entre sua residência e o shopping, os trabalhadores acabam almoçando ou “descansando” em algum ambiente dentro das dependências do próprio SC. Em decorrência disso, o pouco tempo livre que seria destinado para que o funcionário o gastasse em

atividades que não estivessem relacionadas ao seu ambiente de trabalho – tempo com a família, amigos, bares, futebol, festas etc. – acaba sendo gasto no próprio templo de consumo. O lazer então, através da apropriação do tempo livre do trabalhador, acaba servindo como base de manipulação e legitimação da ideologia e da prática do consumismo propiciada pelo marketing e pela comunicação de massa. O lazer se torna programado e objetivado, dando ao trabalhador a ilusão de que está aproveitando o seu tempo livre da maneira que bem entende sendo que, na verdade, o que se tem é um lazer preparado para se apropriar de sua subjetividade através de ambientes e instituições programados e construídos por especialistas em comunicação e marketing.

Portanto, O SC deixará de ser visto como um espaço de realização pessoal que dá acesso e possibilidade de consumo a todos aqueles que o frequentam e que trabalham nele. Ele passará a ser visto como um ambiente que gera contradições e esconde o processo de apropriação do tempo livre de seus trabalhadores e como um ambiente que acaba favorecendo o consumismo e a alienação de seus funcionários que muitas vezes não tem dinheiro para consumir o que se encontra ali dentro mas, por conta de sua jornada extensiva de trabalho, o pouco tempo livre que lhes é proporcionado e o papel da propaganda como disseminadora do consumismo, acabam gastando seu tempo e pouco dinheiro dentro do shopping center. O SC deve ser compreendido como um templo das mercadorias que aliena, explora e manipula a subjetividade de seus trabalhadores e não como um espaço que proporciona felicidade e realização pessoal a todas as pessoas.

## **CONCLUSÃO**

Nesse artigo, trouxemos algumas informações do que pretendemos tratar na versão final da dissertação de mestrado que virá a ser defendida possivelmente no final do ano de 2015 da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás – FCS-UFG. Mostrou-se que o objetivo geral da pesquisa é analisar a relação entre trabalho, lazer e consumo dos trabalhadores do referido shopping em Goiânia e que os objetivos específicos são: compreender o processo de precarização do trabalho nesse shopping e sua relação com o tempo livre e o lazer programado de seus trabalhadores; analisar a relação trabalho e consumo dos funcionários desse shopping e analisar a relação entre o shopping center, o consumo e a subjetividade dos trabalhadores.

No shopping center, todas as relações sociais se tornam estranhadas, fetichizadas e reificadas. O trabalhador é explorado constantemente através de mecanismos de controle social pautados no estudo e na compreensão de sua subjetividade no que se refere aos seus gostos e necessidades pessoais. As contradições do modo de produção capitalista são

evidentes dentro do ambiente do SC: trabalhadores explorados por uma classe que detêm o poder sobre os meios de produção; profissionais de publicidade e marketing recrutados por essa classe que explora os trabalhadores para criarem propagandas que influenciem os trabalhadores do SC a gastarem a maior parte de seus ganhos dentro das próprias lojas desse ambiente, ou seja, manipulação dos desejos e criação de necessidades; precarização do trabalho e lazer e consumo programados, ou seja, o trabalhador tem a ilusão de que consome o que quer mas, na verdade, é refém de um lazer e de um consumo criados artificialmente como o objetivo de gerar lucro para uma pequena parcela da sociedade e para continuar dando força a um ambiente que cada vez mais só aumenta os seus domínios.

Através da realização dessa pesquisa de mestrado podemos pensar nas seguintes hipóteses: o *shopping center*, através de seus mecanismos de manipulação e controle do lazer de seus trabalhadores, legítima e dissemina a ideia de que suas condições de trabalho e seus ambientes de lazer (alimentação, vestimenta, diversão etc.) foram pensados para facilitar o acesso de seus funcionários a esses ambientes, o que faz com que o processo de controle e materialização de suas relações sociais dentro e fora do seu ambiente de trabalho acabem sendo acobertadas pela ideologia do consumo e da satisfação pessoal. A precarização do trabalho se torna visível no SC a partir do momento em que a possibilidade de um trabalhador que atua na área de vendas baseadas no ganho por comissão por cada produto vendido, faz com que ele trabalhe de dez a doze horas por dia o que, conseqüentemente, faz com que o seu trabalho se torne estressante, cansativo e orientado para lucro. A outra hipótese que pode ser pensada é a de que a jornada extensiva de trabalho e os mecanismos de manipulação e controle do tempo livre através do lazer programado, acabam por fazer com que o consumismo se torne algo presente na vida dos trabalhadores do Flamboyant Shopping Center pois, eles estão cercados por centenas de mercadorias expostas nas vitrines e lanchonetes no templo das mercadorias.

Para que possamos conseguir chegar a nossas conclusões, a metodologia utilizada para a realização da pesquisa da dissertação será baseada em Thompson (1992), ou seja, a observação sistemática, a realização das entrevistas através do uso do gravador e da elaboração de um roteiro e um termo de consentimento que será assinado pelo entrevistado(a) e o levantamento de informações que constam nos sites acima citados e nos panfletos, revistas e demais meios de promoção de marketing distribuídos no shopping center que será pesquisado.

Nesse sentido, em um primeiro momento será feito um levantamento básico de informações sobre o local onde serão realizadas as entrevistas. Informações sobre o shopping,

horários acessíveis para a realização das entrevistas, locais com menos barulho, número de lojas, número de funcionários, número de praças de alimentação etc. Os sites do Flamboyant Shopping Center e da Associação Brasileira dos Shoppings Centers (ABRASCE) serão de grande valia para a realização dessa primeira tarefa, pois possuem informações relevantes sobre o referido shopping que será o local de realização da pesquisa. Além disso, panfletos, revistas e artigos de campanhas publicitárias que são distribuídos gratuitamente no shopping e que podem conter informações importantes para a compreensão da relação entre trabalho, lazer e consumo também serão objetos de análise dessa pesquisa.

Feito esse levantamento bibliográfico e de informações, também serão realizadas entrevistas com trabalhadores do shopping que está sendo objeto da pesquisa. Serão entrevistados vendedores, gerentes e supervisores do Flamboyant Shopping Center. Para isso, será necessário o uso do gravador e a elaboração de um roteiro que servirá de base para a realização das entrevistas. Por questão de ética, os nomes dos entrevistados serão mantidos em sigilo na transcrição para a monografia; será feito um termo de consentimento que será assinado pelo entrevistado ou entrevistada para que se tenha um documento alegando que o mesmo(a) aceitou e concordou com os termos para a realização da entrevista e as entrevistas serão realizadas fora das dependências do shopping center em um horário que seja acessível e combinado com o entrevistado para que não ocorra nenhum caso de represálias e constrangimentos com o entrevistado. Os indivíduos serão selecionados através de conversas e convites, pois, o pesquisador tem vínculo de amizade com boa parte de seus informantes.

Portanto, o materialismo histórico-dialético proposto por Marx será a ferramenta de análise e conclusões sobre os dados da pesquisa durante a sua realização. A partir de suas constatações sobre o capitalismo, suas instituições e suas relações sociais vistas como contraditórias, alienantes e de exploração, será possível colocar a prova as hipóteses apresentadas a algumas páginas atrás. É através dessa teoria que poderá se analisar o fenômeno da alienação propiciada pela categoria ou pela função da mercadoria dentro do shopping center, ou seja, a partir das categorias de trabalho, alienação e mercadoria, será possível se responder a pergunta de como a relação entre trabalho, lazer e consumo se expressa nos trabalhadores do SC.

Nesse sentido, tendo como base a teoria marxista, que parte do pressuposto de que as ideias, a consciência e as relações sociais existentes em uma determinada sociedade civil, dependem de determinadas formas de organização do consumo, do comércio e da produção, podemos perceber que existe uma relação íntima entre trabalho, lazer e consumo no Flamboyant Shopping Center em Goiânia. O trabalho continua sendo o elemento central para

a compreensão das demais relações sociais que se produzem na sociedade capitalista, porém, é preciso dar atenção a outros campos que nos ajudem a compreender o caráter antagônico e excludente da sociedade capitalista como o campo do consumo e o campo do lazer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Giovanni. Trabalho, subjetividade e lazer: estranhamento, fetichismo e reificação no capitalismo global. In: PADILHA, Valquíria (org.). *Dialética do Lazer*. São Paulo: Cortez, 2006, p. 19-50.
- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez, 2011.
- DAL ROSSO, Sadi. *Mais trabalho! A intensificação do labor na sociedade contemporânea*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.
- DUMAZEDIER, J. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo: Sesc, 1980.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- HELOANI, Roberto. *Organização do Trabalho e Administração: uma visão multidisciplinar*. São Paulo: Cortez, 2003.
- LEITE, Marcia de Paula. O trabalho e suas reconfigurações: Conceitos e realidades. In: \_\_\_\_\_; ARAÚJO, Angela Maria Carneiro (orgs.). *O trabalho reconfigurado: ensaios sobre Brasil e México*. São Paulo: Annablume Editora, 2009, p. 67-95.
- MARX, Karl. A mercadoria. In: *O Capital: Crítica da Economia Política*. Volume I, Livro Primeiro, O Processo de Produção do Capital. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 45-78.
- \_\_\_\_\_.; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã: Feurbach – A contraposição entre as cosmovisões Materialista e Idealista*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- \_\_\_\_\_. O trabalho alienado. In: *Manuscritos Económico – filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1964, p.157-172.
- \_\_\_\_\_. Prefácio. In: *Contribuição à crítica da Economia Política*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 3-11.
- PADILHA, Valquíria. *Shopping Center: a catedral das mercadorias*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- \_\_\_\_\_. Consumo e lazer reificado no universo onírico do *shopping center*. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Dialética do Lazer*. São Paulo: Cortez, 2006, p.126-156.
- RESENDE, Anita C. Azevedo. *Para a Crítica da Subjetividade Reificada*. Goiânia: Editora UFG, 2009.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VIANA, Nildo. A face oculta da cidadania. In: \_\_\_\_\_. *Estado, Democracia e Cidadania: a dinâmica da política institucional no capitalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2003, p. 67-81.
- \_\_\_\_\_. *O capitalismo na era da acumulação integral*. São Paulo: Ideias & Letras, 2009.





